

FOLHA POLITICA E LITERARIA.

SUBSCREVE-SE A 28500 RS. POR TRIMESTRE (13 NÚMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 7 DE AGOSTO.

MARANHAO TYPOGRAPHIA DA TEMPERANÇA, IMPRESO POR MANOEL PEREIRA RAMOS, NA RUA FORMOZA CAZA N.º 2.

EXTERIOR.

Corresp. do Jornal do Commercio.

Paris, 18 de Agosto.

Muito más novas tenho que dar-lhes deste paiz. Para encontrarmos notícia que nos console, será preciso ir procura-la fóra de França; que dentro della, por mais que busquem e rebusquem, a *planta pedis usque ad verticem non est in ea sanitus*—desde o bico do pé até à cabeça não vejo ponta por onde lhe pegue.

Está em demonstrada até à ultima evidencia a completa e absoluta incapacidade deste governo. Os discursos de Duchatel e Guizot são excellentes, porém os factos faltam mais alto; e aqueles que por toda a parte tem rompido através da luxuosa pampamada da óca eloquencia doutrinaria, são infelizmente de evidencia irresistivel, e inteiramente proprios para esmagar. Eis-anui, em *meias palavras*, o estado a que a França se encontra reduzida actualmente debaixo da mortifera influencia desta *doutrina*, que tantas promessas tem feito, e que tão pouco tem dado. *Attende et vide.*

A espantosa crise financeira que pessa e tem pesado sobre o paiz, não só não tem obtido por ora o mais pequeno melhamento, mas até se não pôde prever ainda nem como, nem quando terminará. Por um lado, vê-se o pessoal da administração augmentado, desde 1830, com mais quarenta mil empregados, donde resulta a necessidade de outros tantos mil ordenados, absolutamente indispensaveis como instrumentos deste vasto sistema de corrupção, em que consiste todo o segredo administrativo do gabinete; pelo outro, vê-se que o orçamento, já enoríssimo, de mil e quinhentos milhões, não chega para costear todas as despezas da administração, e que é preciso metter-lhe todos os annos novas ensanchas por meio de créditos extraordinarios, que vão pôr onde Deus quer; e depois de todo este espantoso desperdicio e effusão de sangue do pobre povo, ainda o governo tem cara de vir dizer à nação que, para desembarçar-se da encruzilhada em que a sua incapacidade o aciou, não tem remedio senão opprimir ainda o paiz com um novo emprestimo de 400 milhões!

Semelhantes enormidades não podiam deixar de produzir o effeito que se está vendo: fóra do parlamento não ha hoje em França uma unica pessoa que não pragueje esta deploravel *doutrina*, que tão fecunda se tem mostrado em fallamentos e flores, quanto esteril em fructos, e de cada vez que se trata de traduzir por obras suas palavras; dentro da camara até a propria maioria se mostra envergonhada de ter-se

guido por tanto tempo o impulso de um gabinete que, no fim de quasi 7 annos de administração, o unico resultado incontestavel que apresenta é a ruina do paiz quanto ao interior, e a perda, ou pelo menos a decadencia de sua influencia e consideração quanto ao exterior.

Depois de as consas terem chegado a tal altura, era evidente que não havia possibilidade de satisfazer á irritação publica senão por meio de alguma grande expiação. Guizot e Duchatel (a alma e o corpo da *doutrina*), comprehendendo emfim a necessidade della; mas, resolvidos que forão a executá-la, do que tratarão foi unicamente de fazer pagar com expiação alheia pecados proprios. Determinárono sacrificar de pancada no altar da indignação publica não menos de 5 dos 9 membros do gabinete; mas tendo a hecatombe parecido exagerada, limitou-se o sacrificio definitivo aos tres seguintes: 1.º, o incomparavel ministro da guerra Moline de St. Yon, cujo valor administrativo bem pôde ser exprimido *apreciável* "de caramo"; 2.º, o *accréditado* ministro da marinha barão de Mackau, sob cuja fatal administração a França in perdiendo todos os seus navios, e vendo consummar a ruina de todas as suas coloniias; 3.º, o ministro da fazenda, Lacave Laplagne, incapacidade das incapacidades, a quem o bom senso publico conferiu o título de marquez do *Deficit*, que nunca mais ha de perder. Os dous primeiros condenados acceitárono com grande resignação a sua sorte, e derao espontaneamente a sua demissão, apenas o marechal Soult, que é o capellão de todos os padecentes ministeriales, lhes intimou a sentença, que os proscrevia; o ultimo quiz morrer como heróe, e aguardou a pé quêlo a sua destituição, recusando pela demissão espontanea, que se lhe pedia, a nomeação de par de França, e um alto emprego judicial. E' o unico acto do coragem que se lhe conhece, e esse praticado contra si mesmo.

Facil é demolir, difícil edificar: quatro dias inteiros de diligencias não forão suficientes para dar sucessores aos tres ministros expulsos. Todas as portas a que Guizot e Duchatel forão bater, se lhe fecharão, sem que ninguem quizesse arrisitar esta especie de casamento *in extremis* com a *doutrina* que lhes parecia ferida de morte. Foi necessário andar ao rebusco pelas provincias, sahir de França, atravessar os mares para encontrar tres homens de vontade que se resignassem ao encargo de Cyreneos da cruz ministerial, que nunca pareceu tão pesada como agora. No dia 10, emfim, publicou o *Monitor* os tres despachos seguintes: para ministro da marinha, o duque de Montebello, embaixador em Nápoles, com cuja vontade se contou, sem se saber se aceitaria; ministro da guerra, o

general Trézel, outrora pertencente ao exercito d'Africa; ministro das obras publicas, Jayr, prefeito de Leão, em lugar de Dumon, que passa para a fazenda.

Todos os tres ministros são pares de França, e todos são homens novos, que é preciso julgar pelas obras que fizerem; porém nas circumstancias da sua vida passada não se vê nada de bom agouro para a situação actual. O duque de Montebello é homem que tem desempenhado com indisputável capacidade as diferentes missões diplomáticas de que tem sido encarregado; mas esta extravagante transplantação de um diplomata para a marinha bem está mostrando a todos os olhos que é metido á cunha no gabinete á *falta de homens*. Quanto ao ministro da guerra, se não houvesse outras objecções que fizer-lhe senão o ser um dos homens mais leios que a França tem a honra de possuir, e o ser de todos os officiaes do exercito francez o mais pequeno de corpo, bem se podia responder que nem sempre costuma dizer a

Magma, forão pequenos de corpo, sem que esta circumstancia os embarasasse de serem dous grandes homens, porém o grande caso é que a unica circumstancia que agora lembra da sua vida passada, é a solene derrota de que foi vítima em África no combate de Macta, a que accresce o inconveniente de que, tendo servido por longo tempo ás ordens do marechal Bugeaud, difficilmente poderá ter a autoridade de que precisa para reprimir os caprichos do insubordinado proconsul, que, não obstante as ordens em contrario que receben, lá vai á frente de uma brillante e despendiosa expedição, contra a parte da Kabylia que se não quiz submeter, o que só pôde servir para transformar em inimigos irreconciliaveis homens que, se fossem tratados com brandura, mais dia menos dia devia seguir o exemplo dos seus parceiros. O ministro das obras publicas emfim, que de triste procurador que era sem clientela em 1830, subiu pouco e pouco, por graça da *doutrina*; a par de França, prefeito do Rodano, e finalmente ao ministerio, é o que aqui chamão em França *un viceur*. Jantares, partidas, caçadas e theatros, é a sua vida. As pessoas que o conhecem de perto dizem que é um dos mais engajados dizidores da capital; e com effeito alguns ditos tenho ouvido referir delle cheios de piadas de graça; porém na repartição que lhe confiarão ha muito mais necessidade de obras que de palavras.

Seja o que for, como todos os tres novicos são doutrinarios até à medula dos ossos, nenhuma alteração essencial soffreu com a sua adjuncção o ministerio de 29 de outubro, ainda assim chamado, não obstante não contar já senão tres unicos

membros daquelles com que começou; e portanto, se o gabinete estava em perigo antes da modificaçāo por que acabava de passar, no mesmo perigo ficou depois della, sem a mais pequena sombra de duvida. O facto capital da scissāo do partido conservador ou maioria em dous campos distintos subsiste sempre; e nisto é que está a dificuldade da situaçāo. Um delles, composto dos doutrinarios puros, tem por comandante Guizot, e por interprete o *Jornal dos Debates*, que bons 12 mil fr. recebe por mez para dizer o que diz; o outro é o dos conservadores progressistas, que obedecem ás inspirações do conde Molé, e que tem por orgāo a *Presse*, a quem se paga em esperanças o que o *Jornal dos Debates* recebe em honestos. Um é o sol que nasce, o outro o que se põe: a qual dos dous os Abexins costumāo atirar pedras, todos o sabem.

De facto o unico alvo de todas as repugnancias e de todas as antipathias actuaes é unicamente Guizot. Todo o mundo está hoje bem convencido de que esta notável personagem não é senão um brilhante sophista, e nada mais. Vá para a Sorbonna, onde nunca ha-de ser recebido sem as trovoadas de palmas que realmente merece; mas deixe-se dizer governar, que o não chama Deos por este caminho, apesar da indisputável superioridade da sua intelligencia. Ninguem o excede em talentos oratorios, nem em esterilidade administrativa. *La raison éclairé*, disse uma grande mulher (Mme. Dufeléand); *elle n'e guide pas*. E', por outras palavras, a minha maxima favorita. "Quem é sabio que nos ensine (sāo os homens de tribuna): quem é justo e ornado".

Na sessāo do dia 14 aparecerão pela primeira vez na camara os dous novos ministros da guerra e obras publicas, chamados pelo telegrapho a toda a pressa, de Leão e de Nantes, onde se achavam empregados, e de certo com o pensamento bem longe das alturas a que a caprichosa fortuna acabava de eleva-los, sem que elles ao menos em semelhante causa sōnhassem. Foi na sua presença que Guizot, interpellado por Odilon Barrot, explicou à camara o motivo que obrigaria o gabinete a *expellir do seu seio* tres dos seus membros, em lugar de dar a sua demissāo em massa, como devia esperar-se de um gabinete solidario, e como todas as condições e tradições parlamentares exigão que acontecesse. Quem ainda não fizer boa idéa de Guizot, leia esta explicação, e ficará edificado. "E' que nenhum dos tres ministros expulsos estava em circunstancias, pela importancia da sua pessoa de dar consideração ao gabinete de que fazia parte, nem pelas suas qualidades parlamentares em harmonia com a altura da posição que ocupava; e como a consciencia a nenhum delles fazia ver a propria incapacidade, indicando-lhes a necessidade de pedirem a sua demissāo, não teve o gabinete outro remedio senão *fazer um esforço de virilidade* expelli-los. Quanto a elle Guizot, é outra cosa. A sua consciencia lhe diz que, pela sua sua pessoa, pela sua linguagem, e pelos seus talentos parlamentares, está muito em circunstancias de prestar ao gabinete todo o apoio de que precisa; mas logo que o testemunho da mesma consciencia lhe disser o contrario do que

actualmente diz, imediatamente pedirá a sua demissāo, e não esperará que lhe deem." Semelhante excesso de arrogancia parece incrivel e é literalmente exacto.

E' evidente que semelhante maneira de proceder não pôde ter procurado ao chefe da *doctrine* grande força de sympathias; entretanto tal é actualmente o desconjunto da maioria, e a confusāo em que os partidos se acham, que a queda do gabinete, todos os dias aguardada pelas folhas da oposição, e dada por imminente, ainda me não parece tão infallivel como se diz. E' certo que os conservadores dissidentes se separaram definitivamente da maioria; mas ainda agora é que começam a formular o seu programma, e ainda agora é que começam a recrutar o seu partido, tratando de fusionar-se com a fracaçāo denominada *Jocen Esquerda*, que não obedece ao impulso de Odilon Barrot, e com aquella porção do Centro Esquerdo que se emancipou de Thiers, e que é dirigida por Billaut e Dufaure. Esta fosso é realmente bem entendida, e o partido que dela resultar ha de ser necessariamente poderoso, quando estiver bem organizado; porém, antes que a organisaçāo se consolide, fechar-se a sessāo, e daqui até à sessāo seguinte dará o mundo muita volta.

Confirma-se a noticia da proxima partida do príncipe Joinville para os mares de Grecia. Jā ali deve saber-se que o governo inglez, resolvido a esmagar o ministro Coletti, que representa em Athenas a influencia francesa, enviou ao Pireo uma esquadra de certa importancia, com ordem de pedir ao governo, com morros acossos, o pagamento dos juros atrasados da dívida da indenigencia, e garantias para ação de guerra traduzida na forma de exigencias de dinheiro, segundo o costume da Inglaterra. Como semelhante excesso de propotencia não podia ser dissimulado sem grave escandalo, determinou Guizot ou resistir-lhe, ou fazer crer que lhe resistia, mandando a esquadra do Mediterraneo cruzar muito aquellas paragens, e assim o tem publicado por toda a parte os confidentes do gabinete; porém, ou porque o carácter brioso do comandante lhe metta medo, ou porque as esperanças de que tudo se possa ainda terminar por meios pacificos não estejam de todo perdidas, de dia em dia se tem ido adiando a execuçāo do projecto, provavelmente inevitável. Em todo o caso, tão rigorosas devem ser as instruções que a esquadra ha de levar, que o governo fique tranquillo sobre a possibilidade de algum incidente desagradável. Dar-se-ha ordem expressa ao almirante de cruzar unicamente no golfo de Lepanto, e de lá não sahir sem que para isso seja expressamente autorizado. Como por este modo ficarão as duas esquadras francesa e ingleza separadas uma da outra pelo istmo de Corinthus, supõe-se esta cautela suficiente para evitar alguma collisāo, de que resultem graves consequencias. A precauçāo é certamente bem calculada; porém quando o logo está ao pé da estopa, vem o diabo e assopra.

Todos os globos d'espuma, soprados nas Tulherias pela esperança da visita do imperador da Russia, se dissiparam com a mesma facilidade com que nascerao. O autocrata, retido até agora por incommodes de saude, virá com efeito a Stuttgart visitar sua familia; porém já se sabe que as instâncias do rei de Wurtemburg ficarão

inteiramente sem resultado, e que o imperador acha completamente extravagante a idéa de uma digressāo a Paris.

P. S. Agora mesmo chega a noticia de que a esquadra do Mediterraneo deu á vela no dia 13, e que partiu com aprōs no Levante, ou por outras palavras, nos mares da Grecia. Nada ha de extraordinario nesta noticia, com que já se contava há muito tempo; mas uma circunstancia sumamente extraordinaria, e com que ninguem contava, é que se trata de tirar o commando ao príncipe de Joinville, e de o confiar ao ex-ministro da marinha, barão de Mackau. Parece que o gabinete não tem a mais pequena confiança na docilidade do príncipe, e que precisa de um comandante, com cuja obediencia passiva possa contar.

A INTERVENÇÃO EM PORTUGAL

Londres, 1.º de junho de 1847.

Lamentamos por certo a cruel necessidade de recorrer a medidas de violencia contra uma cidade como o Porto, identificada com tantos interesses commerciaes do nosso paiz, e mal nos podemos acomodar com a entrada de um exercito hespanhol em Portugal. Mas estes males só a Junta podem ser attribuidos. Desde que a corte accedeu a condições que não podem ser consideradas senão como liberaes e esquitativas, as desgraças que devem resultar da obstinada rejeição de tais condições recahem só sobre aquelles que disso são culpados. O espirito que domina a Junta está prenhe de desgraças para Portugal, porquanto, dando o caso de conseguirem as potencias unidas a pacificação immediata do reino, as dificuldades futuras do governo da rainha antes se aggravarão do que diminuirão, a menos que não se restabeleça uma mutua confiança e se consiga uma reconciliação. Essas dificuldades futuras só por certo o maior mal, o mal permanente, e não podemos deixar de recuar que a presença de um exercito hespanhol em Portugal tenda mais do que outra qualquer circunstancia para alienar as affeções do povo da sua soberana, no mesmo tempo que uma intervenção limitada a dous, mezes produzirá o mal sem apresentar protecção duradoura contra as suas consequencias.

A força estrangeira e o auxilio exterior podem dispersar um bando de rebeldes ou reduzir á submissāo um chefe refratário; mas não podem dar esses principios de harmonia, de união e de cooperação, sem os quais não pôde existir um governo nacional, e se separa o throno da unica base em que com segurança pôde assentar.

O auxilio que nesta emergencia prestão á rainha de Portugal os seus aliados seria uma compra custosa ou um dom fatal, se não fosse recebido com a mais completa convicção de que o governo portuguez nunca será estavel ou prospero enquanto não recuperar o apoio da grande maioria do povo. O paiz tem sido talado por estas desgraçadas contendas, a população reduzida ao estado de miseria e a nação arruinada. Só a ambição a mais vil ou intenções hostis a propria existencia da monarchia podem desejar a continuação de uma revolução desastrosa. O passo seguinte seria uma invasāo da Hespanha, não para conseguir uma pacifica-

ção de acordo com nosco, mas sim para acabar com a independencia de Portugal por meios que os tratados que temos com este reino nos obrigaõ a combater. Cada passo que se der é um mal, e cada mal que se seguir maior que o anterior. A corte accedeu ás condições de paz propostas pelas potencias mediadoras; as potencias mediadoras mostráro-se decididas a sustentar essas condições; resta ver agora se a Junta, rejeitando-as obstinadamente, impõe um dever doloroso e difícil a essas potencias, agrava os horrerosos sofrimentos do paiz, e coloca-se além da reconciliação e da paz.

(*Jornal do Commercio.*)

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

Hontem (13 de julho) pelas 6 horas e 3 quartos da manhã, deu S. M. a Imperatriz á luz, com o mais feliz successo, uma Princesa. As bençãos do céo felicitem a augusta rescenmascida: estes os votos do Povo Brasileiro.

—Por decreto de 8 do corrente, foi aposentado o Sr. Conselheiro Antonio Joze de Paiva Guedes de Andrade, sendo nomeado para substitui-lo, no logar de Oficial Maior da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, o Sr. Joze de Paiva Magalhães Calvet, Oficial da mesma Secretaria.

Esta vaga de Oficial foi preenchida com a nomeação do Sr. Manoel Corrêa Fernandes, que era 1.º Oficial da Secretaria do Arsenal de Guerra da Corte.

—Com o maior jubilo noticiamos aos nossos leitores que S. A. a Princeza Imperial, livre inteiramente da molestia por que acaba de passar, entra em convalescência. Foi hoje suspensa a publicação dos boletins ácerca da doença da Sereníssima Princeza. — Graças á Divina Providencia, que ainda de todo não abandonou este pobre Imperio de Santa Cruz, quando S. A. I. tão gravemente adoeceu, não estava de semana o Sr. Conselheiro doutor Joze Martins da Cruz Jobim!... E, pois, está ella livre do perigo...

—Foram exonerados do cargo de Vice-Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro do, Suf os Srs. Patrício Corrêa da Câmara, e Thomaz Joze da Silva; sendo nomeado para substituir o 1.º o Sr. João Propício Mena Barreto, e 2.º o Sr. João Capristano de Miranda e Castro.

—Acaham de ser nomeados Juiz Relator do Conselho Supremo Militar de Justiça o Sr. Conselheiro Manoel Ignacio Cavalcanti de Lacerda; e Adjunto o Sr. Dezenbargador Antonio Simões da Silva.

—Corre que o Sr. Deputado Jeronymo Francisco Coelho está nomeado Presidente da Província de Pernambuco. Diz se também que o Presidente da Província do Ceará é o Sr. Dr. José d'Assiz Alves Branco Moniz Barreto, e não Sr. Senador José Martiniano de Alencar: parece-nos com effeito razoavel, que, no estado de grave emerjindade em que se acha o miserio Ceará, seja entregue a um *medico*!

—Dos Estados Unidos ha noticias até 15 de maio. O exerceito Americano, em operações no Mexico, tinha ocupado sem a menor oposição Jalapa e Perote; mas

o General Scott necessitava para seguir sobre a capital elevar a força do seu exerceito a 20.000 homens, para o qual esperava tropas que se preparavam em diversos pontos da União.

(*Sentinella da Monarchia.*)

PARANÁ.

Correspondencias.

Sr. Redactor.

Em quanto o Exm. Sr. Presidente da Província progride no seu sistema conciliador, procurando harmonizar os partidos, as autoridades policiais do Brejo estão em guerra aberta com a Administração do Exm. Sr. Sá, e lanção mão de todos os meios para empecer a sua marcha, e fazer fristar as ordens da Presidencia, como agora tem praticado, empregando meios ignobres para que o Commandante do destacamento d'aquella Villa não pudesse fazer o recrutamento á que se propôz no município, sem duvida por ordem superior, como verá de alguns trechos de uma carta que d'ali recebi, e que passo a transcrever.—Amigo e Sr.—Brejo 15 de Julho de 1847.

O Commandante do destacamento a poucos dias sahio para o Burity com uma escolta a recrutar, e logo meia hora depois de sua sahida o Domingos José mandou positivamente por um seu escravo levar aviso, de sorte que a diligencia nãa fez, e apenas dirigiu-se ao lugar Arica para prender a uns criminosos, resultando ferir mortais. *Reu p'us r'adatio* voltado denominado—Olho d'Agoa,—uma legua distante desta Villa, recebebo um oficio de José Caetano (1) requisitando-lhe 10 praças, e o corneta para uma diligencia: note que aqui ainda tinhão ficado vinte e tantas praças; mas o Delegado assim obrou, dizem, para enfraquecer a força do Tenente.

Antes desta diligencia, o Tenente havia mandado outra, pelas Campineiras á estrada da Chapadinha, comandada pelo sargento Raimundo, e este demorou-se um dia na ladeira de Santa-Anna (2) em casa do Subdelegado Narciso, a pedido deste em quanto mandou avisar pelas Chapadas até o Surrão, que o Tenente andava recrutando, de sorte que voltou a tropa somente com um desertor que prou em caminho: que tal o sargento!!! Que tal a Policia!!! E como se tem sahido!!! O Domingos José á 4 para 5 dias, que foi para outra banda do Rio sem licença (3), e até hoje nada, e assim vai soffrendo o Foro pela falta desto funcionario. O Exm. Presidente tem sido

(1) Primeiro substituto do Delegado de Policia em exercicio, Domingos José, José Caetano, e Narciso Dias Monteiro, são uma, e a mesma cousa.

(2) Logo ao sahir da Villa.

(3) Por muitas vezes assim tem praticado o Juiz de Direito interino em exercicio Domingos José, sahindo para fora da Província sem licença, e sem passar esta autoridade para o seu substituto. He muito necessário, que o Sr. Promotor Publico tome cuidado com estas cousas, porque um tal procedimento é criminoso, e a elle incumbe a lei o denuncia-lo.

aqui victimas dos Bahianos, os quais pro-pallão que elle já não está na Presidencia. Dizem que o Honorato vai para ali, e pretende por-se muito callado em quanto não receber dinheiro (4); assim como tólobem não pretende morar mais com o Mariani para o Exm. Sr. Sá não desconfiar; por consequencia vai morar só: elle por maneira alguma desliga-se agora do Domingos José aqui, e do Paço ali; attentas as grandes promessas que esperava realizar-se; pois já m' declarou formalmente: diz que por este vapor recebeu elle carta do Paço, e desta forma quer hir illudindo a populacão deste município, inculcando estarem nas boas graças do Governo; porém n'hum nem acredita, como V. bem sabe; pois esse homem não merece fé alguma, nem particular, e nem politicamente considerado.

O Ignacio Joaquim (5) não é 6.º substituto do Juiz Municipal, e como é igualmente Collector?

Este mestre é um dos que mais achincalha o Exm. Sr. Presidente, no que emprega maniosa tática.

Deseja-lhe saude &c.

A vista do exposto verá V. S. como vão as cousas por ali; resta-nos agora ver o que faz o Commandante do Des-tacamento do Brejo com o sargento, que atraíçoou as suas ordens, e faltou aos seus deveres, á pedido do Subdelegado suplente Narciso Dias Monteiro (6); se um tal procedimento em qualquer homem publico é muito revoltante, n'um militar é digno de exemplar castigo, e se aquele Commandante não se fizer desde logo respeitar hão de ser ali o Indílio dos seus sub-núncios. E que taes são as autoridades que de tal forma procedem? Que confiança devem elas merecer ao Governo? Confiança sem qual não devem continuar a funcionar. Sirva-se pois, Sr. Redactor de publicar a presente, pelo que muita obrigará ao

De V. S.

Amigo muito afectuoso e Criado.

O Indagador.

(4) O arrematante da cadeia do Brejo, está muito enganado; como quer elle receber dinheiro por conta de uma obra, que absolutamente não presta desde os alícerces até o ponto em que se acha; na qual, em sua totalidade no estado actual, apenas tem gasto pouco mais de 105 á alígeires de cal pela medida geral?

(5) Este homem é totalmente votado aos interesses dos Drs. Mariani, e Paço, e tanto é isto exacto que n'uns autos civis pendentes no Juizo Municipal, elle como Juiz assim declarou (pouco mais ou menos) juro suspeição por ser particularmente interessado na decisão da causa á favor do Dr. José Mariani, e D. Maria Meirelles.

(6) Observe-se bem, que foi á pedido, e não a requisição por bem do serviço publico, e ainda neste caso eu entendo, que tal requisição devia ser feita directamente ao Commandante, e nunca ao sargento, que por ordem de seu superior estava de marcha em diligencia; salvo no caso de urgente necessidade, que não satisfazendo a requisição houvesse de perigar a tranquilidade publica.

—Li no n.º 4 do Estandarte uma correspondência assinada por um Coroatense; nada direi do bramido que faz o correspondente do Estandarte com os recrutados; tratarrei somente *do grande numero e firmeza* dos bentevis deste termo, pois são tantos, que na noite do dia 8 do corrente, se reunirão em uma ceia nesta Villa afim de tratarem de eleições, e quando julgavão ter grande reunião apena comparecerão treze!!!

Efeito nenhum produzirão nos Coroatenses amigos do paiz que os vio nascer as cartas de convite dirigidas pelo encravado de orfãos Fabricio e outros d's treze; e em publico assevera o Coroatense que aqui todos são bentevis e *firme como uma rocha de granito*?!... Felizmente confessa o correspondente do Estandarte a fortidão do seu partido: muito pode a influencia eleitoral em homens que julgando não ser conhecidos atirão a outros aquillo que por direito lhes pertence; como é pois asseverar-se que que existe aqui dous ou tres ligueiros sem influencia política! Julgou sem dúvida o tal correspondente que o Estandarte não chegaria ao Croato! Pois saiba, Sr. Redactor, que por aqui terá completa derrota nas Eleições a pandilha baiucale, e que prestigio nenhum tem o tal bem conhecido Coroatense, que valendo-se (por falta de influencia) da mentira, e da intriga como armas proprias de quem tanto teme o tronco de campanha, intenta ferir aos amigos do governo e da patria.

Um Ligueiro Coroatense.

A PROPRIETÀ.

O ESTANDARTE DESENROLADO E O OBSERVADOR.

—Si o Estandarte enrolado era mal redigido, monotonio e massante, o Estandarte desenrolado (*) é indigesto, repulsivo e asqueroso. Haja vista no n.º 9. Mentreas calumnias, descomposturas, incepções e sanguices, eis o que, desde principio a fin, constitui o fundo de seus artigos. É um miserável apontado de rodilhas, escrito em lingoagem de botucudo, ou preto angola. Si a camarilha quizesse de propósito arredar de si toda e qualquer espécie de sympathia, por certo que o não faria melhor do que fiz, basteando essa bandeira de sujos e inmundos farrapos, a cuja vista o homem sensato e honesto só experimenta repugnância e tédio. Assim em quanto a liga é aceita em toda a província com entusiasmo e aplauso, a camarilha em toda a província sobre repulsa e reveses. Mas que outra cousa se devia esperar de uma folha em que rabiscas os Srs. Tavares, Joze Maria e Papi?

Sobre o dia 28 de Julho e seus festejos, não houve licença que se não permitisse, patrânia que não inventasse, calunia que não assacasse, e babuzeira que não dissesse. O Sr. Franco de Sá e a liga forão o alvo de todos os seus tiros, como era de supor. Mas tão grosseiras e rediculas são as mentiras que profere, que mais excita o riso e o desprezo, que a indignação. O Sr. Angelo Moniz o

ano passado determinou ás muzicas da polícia e dos fuzileiros, que fossem tocar a S. João por occasião de taes festejos, os ligueiros este ano com muita antecipação contrárianos as duas muzicas militares para S. Anna: vai o orgão da camarinha sustenta com todo o despejo que o Sr. Franco de Sá para ali mandou a dos fuzileiros. Nisto não vemos senão o triste desejo de querer desculpar aquelle acto pueril do Sr. Angelo Moniz, caluniando o seu successor. Fazendo a seguida no Observador seu aliado, pretende o Estandarte responsabilizar moralmente ao Sr. Franco de Sá por uns vivas á liga que deu o Sr. Fernando Pereira de Castro Sobrinho, no dia 29 em frente da iluminação de S. João! Clama contra a parcialidade do actual presidente da província, que ainda a pouco lhe conservou no corpo de polícia o sobrinho do Sr. Angelo Moniz, e o Sr. Porfirio José da Cunha. As mentiras que publica sobre o immenso povo bentevi que acompanhou aos seus na passata, não são menos rediculas. Porque não mando elle pintar todo esse *povareo* nos quadros da iluminação, si a tanto queria que avultassem as 3 ou 4 dezenas de individuos do seu se-quito? Assim ficava a exageração mais verosimil.

Como orgão que é dos *bentevis puros* sauda com oscalo fraternal, acompanhado do *macte virtute esto*, ao orgão dos *cabanos puros*, e no extracto que aqui damos, notarão os leitores a reciproca parceria ou mal distorcida aliança desses dois *animosos campões da puridade*. Ei! o:

“A apparição do “Observador” veiu confirmar uma verdade, que tantas vezes Liga para mascarala à seu gosto, e é a de existirem ainda na Província os dois partidos que se batião na arena da política, o *bentevi*, e o *cabano*, ou *saquarema*. As excrencias ou póstulas de ambos formároa a Liga; e quem teve a fortuna de não concorrer com os seus esforços para a realização d'essa anomalia, quem asserrado nos seus principios a hostiliza, não tem para S. Exc. valor político, ou se o tem é ipso facto amaldiçgado! Que terrível falta de logica! Somos Bantovis, ou Liberaes, e n'essa qualidade pagamos sempre tributo a tudo quanto é exacão, e por tal motivo confessamos que esse formidavel athleta está no seu direito, atacando essa heterogenia amalgama Liguira, assim como nós estamos na completa plenitude do nosso em identica tarefa. Nossas bandeiras são diversas, é verdade, e muito díversas; não importa, mas a honra e firmeza de carácter é a mesma.”

(Do Estandarte n.º 9.)

Si o querem mais claro deitem-lho agora. E a liga dos *desligados*. O Estandarte e o Observador são o Pylades e Orestes da nossa imprensa: *ambo floreates etate, arcades ambo*. E quem disse o contrario não sabe a quantas anda. Bem certo é que os extremos se tocaõ.

Ambos estes campeões fazem guerra, e guerra de morte, á administração actual e á liga, ambos se appoioa mutuamente em sua *formidavel oposição*, e combinão por conseguinte os meios de ataque, ambos fraternisão, e se prestão reciprocos alentos, mas ambos seguem *bandeiras díversimas*, embora a façao com a mesma honra e firmeza, porque até nestas bri-

lhantes qualidades são *irmãos gêmeos*. Ora sendo, para assim dizer palpaveis, os pontos de contacto dos dois aliados—oposição ao governo e á liga, ou conformidade de opiniões e interesses—não todavia imperceptíveis os de divergência, ao menos os olhos do vulgo, e neste caso confessamos que o somos. Cumple pois aos contemporaneos explicá-los, no interesse da dupla e oposta causa que defendem, combinando esforços e recursos em tanta intimidade e harmonia. Esta explicação, pode-se, quanto a nós, resumir em simples definição, por amor da clareza. Digam-nos por exemplo o Estandarte o que é o seu *bentevismo puro*, e o Observador o que é o seu *cabanismo puro*, por que em quanto o não fizerem, ficaremos todos, os do povo, inteiramente em jejum a respeito da diversidade das duas bandeiras, ou do antagonismo das duas crenças oposicionistas. E para maior comodidade lembramos um expediente que talvez concilie tudo. Como o chefe da camarilha já foi cabano, e o redactor em chefe do Observador já foi bentevi, poderá o primeiro explicar pela boca do Sr. Mariani a *pureza cabana*, e o segundo pela boca do Sr. Cândido Mendes a *pureza bentevi*. Este inocente troca deve sem dúvida parecer agradável a dois politicos, versados *in utroque jure*, bentevi e cabano, se assim nos podemos expressar, St. Tavares, a respeito da *diplomacia* dos partidos.

Em quanto existia só na oposiçao o bentevi puro Estandarte, desnecessaria parecia esta explicação, mas agora que faz causa comum, e se acha com elle ligado, senão identificado, o cabano puro *saquarema*, uma ostante, com pretenções de defendere crenças em perfeito antagonismo, segundo dizem, torna-se ella absolutamente indispensavel, porque humanamente fallando, não é possível ligarem-se duas ou mais fraccões de partidos, sem que haja modificaçao nas idéas e principios de cada uma delias, como se observa na liga maranhense, ou para melhor exprimir-nos, na liga dos ligueiros, a qual é o partido contrario á essa outra liga de antiligueiros, fundada pelos dois campões do *exclusicismo*: do contrario, ficarão todos entendendo que as divisas—bentevi puro, e cabano puro—não saõ senão uma redicula farça traçada pelos dois, para illudir alguns pobres patãos que possam acreditar em tal. E tanto mais necessaria é essa explicação ou definição, que, examinando-se os Estandartes e Observadores, não se depara abri causa que nos possa tirar de dúvida a tal respeito. O primeiro apenas diz que é *bentevi puro*, ao passo que chama *renegados* a maioria do antigo partido bentevi que se acha na liga maranhense. O segundo é talvez ainda mais contraditorio e inintelligivel, pois declara que sustenta, no Maranhão, os principios e interesses de um partido que aqui não existe—o *saquarema*—, salvo na boca delle, e no ultimo n.º do seu aliado, ou, o que não é menos singular, segundo diz em uma de suas variantes, que advoga a causa dos cabanos de 1836. Assim os dois *irmãos gêmeos*, Estandarte e Observador e Observador e Estandarte são, na opinião de muita gente sensata, dois verdadeiros ocos em política, e o que é mais para lastimar ocos inteiramente gorados, ou se atendia ao passado que em vão pretendem resuscitar, ou se idéias falsas, confusas e repugnantes que se acham embudos. Esperaremos entretanto a explicação do enigma.

(*) Desenrolou-se com o 28 de Julho, segundo havia anunciado um nosso correspondente.